

PREVALÊNCIA DE DEPRESSÃO ENTRE ESTUDANTES DE MEDICINA DE UMA UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

Jhoanna Gabriely de Brito Alves¹; Fernanda Machado Lopes¹; Ana Luiza Santana Toreti¹; Daiani Blazius Kuntz¹; Juliana Fátima Stocki¹; Letícia Januário Guimarães¹; Nicole Cris Heringer¹; Vitória Kley Barbosa¹; Maricelma Simiano Jung² (Msc.)

¹ Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) – Curso de Medicina, Campus Tubarão. E-mail para contato: medjhoannaworking@gmail.com

RESUMO

O estudo investigou a prevalência de sintomas depressivos entre estudantes de Medicina de uma universidade do sul de Santa Catarina, analisando fatores sociodemográficos e acadêmicos que podem influenciar o bem-estar emocional durante a formação médica. Trata-se de um estudo transversal, quantitativo e descritivo, realizado com 446 participantes avaliados por meio dos instrumentos PHQ-9 e Beck Depression Inventory (BDI), ambos amplamente utilizados para rastreamento e classificação da gravidade dos sintomas depressivos. A prevalência geral encontrada foi de 41,5%, com predominância de níveis leves e moderados entre os estudantes. Os escores mais elevados foram observados principalmente em mulheres e em alunos dos primeiros semestres, sugerindo maior vulnerabilidade nesse período inicial do curso. Esses achados reforçam a importância de políticas institucionais de prevenção, acolhimento e apoio psicopedagógico no ambiente acadêmico, a fim de promover a saúde mental e minimizar impactos negativos no desempenho e na qualidade de vida dos estudantes de Medicina.

Palavras-chave: depressão, estudantes de medicina, saúde mental.

INTRODUÇÃO

A depressão é uma das principais causas de incapacidade no mundo e um dos transtornos mentais mais prevalentes entre jovens adultos. No contexto acadêmico, os estudantes de Medicina apresentam risco aumentado devido à sobrecarga emocional, alta competitividade e contato precoce com o sofrimento humano. Estudos recentes indicam prevalências alarmantes de sintomas depressivos nessa população. Silva et al. (2023) e Ferreira et al. (2024) apontam taxas entre 30% e 50% entre estudantes brasileiros, valores superiores à média

da população geral. Esses achados evidenciam a relevância de estudos locais que contribuam para a compreensão do perfil de saúde mental no ensino médico.

O presente estudo teve como objetivo determinar a prevalência e a gravidade da depressão entre os estudantes de Medicina de uma universidade do sul de Santa Catarina, utilizando os instrumentos PHQ-9 e BDI, bem como analisar sua relação com variáveis sociodemográficas e acadêmicas, a fim de subsidiar a criação de programas de apoio psicológico mais acessíveis, a reformulação de políticas institucionais de suporte e o desenvolvimento de materiais educativos sobre o tema.

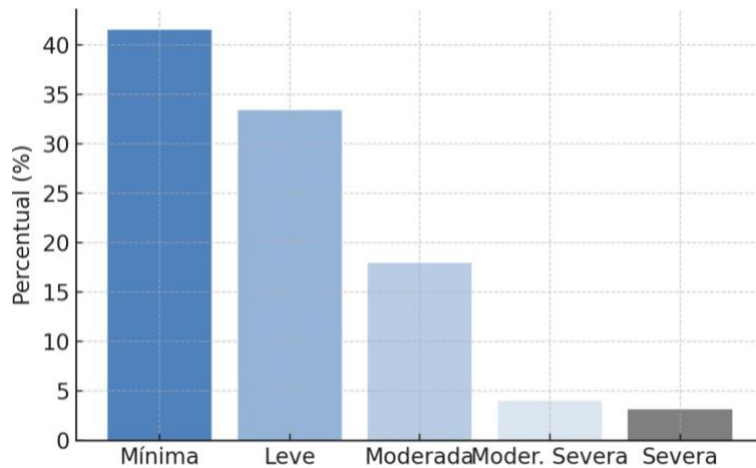
MÉTODOS

Trata-se de um estudo transversal, quantitativo e descritivo, realizado entre fevereiro e outubro de 2024. Foram incluídos 446 estudantes regularmente matriculados no curso de Medicina da Universidade do Sul de Santa Catarina. Os dados foram coletados por meio de questionário eletrônico autoaplicado, contendo variáveis sociodemográficas (idade, sexo, estado civil, tipo de moradia) e acadêmicas (semestre e desempenho escolar). Foram aplicados os instrumentos PHQ-9 e BDI para mensuração dos sintomas depressivos. A análise estatística foi conduzida no software SPSS 25.0, utilizando estatística descritiva e testes de associação (Qui-quadrado e ANOVA), com nível de significância de 5%. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa conforme Parecer 7.705.547.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Entre os 446 estudantes participantes da pesquisa, observou-se que a prevalência global de sintomas depressivos foi de 41,5%, com predomínio dos níveis leves (33,4%) e moderados (17,9%) (Gráfico 1).

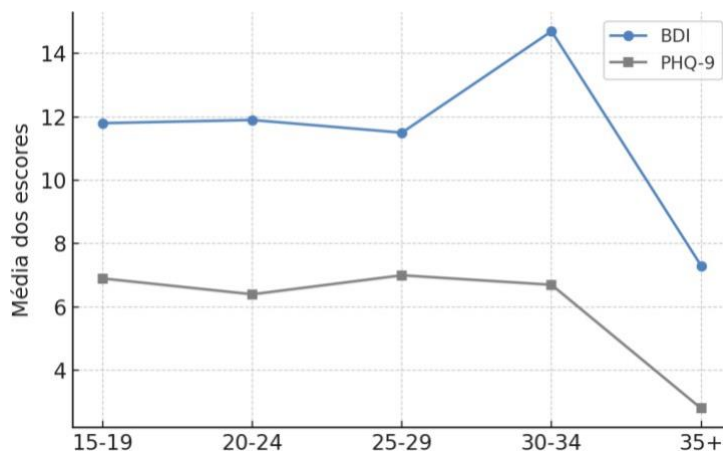
Gráfico 1 - Mostra a distribuição percentual dos estudantes segundo os níveis de gravidade de sintomas depressivos.



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Os sintomas foram mais frequentes entre estudantes jovens (20–24 anos) e do sexo feminino, conforme demonstrado pelos escores médios do PHQ-9 e BDI (Gráfico 3). Esse padrão é semelhante ao observado por Oliveira et al. (2024) e Mesquita et al. (2023), que relataram maior vulnerabilidade emocional entre mulheres e estudantes nos primeiros anos de curso. A literatura recente sugere que fatores hormonais, estresse acadêmico e menor suporte social contribuem para essa diferença de gênero (Costa et al., 2024).

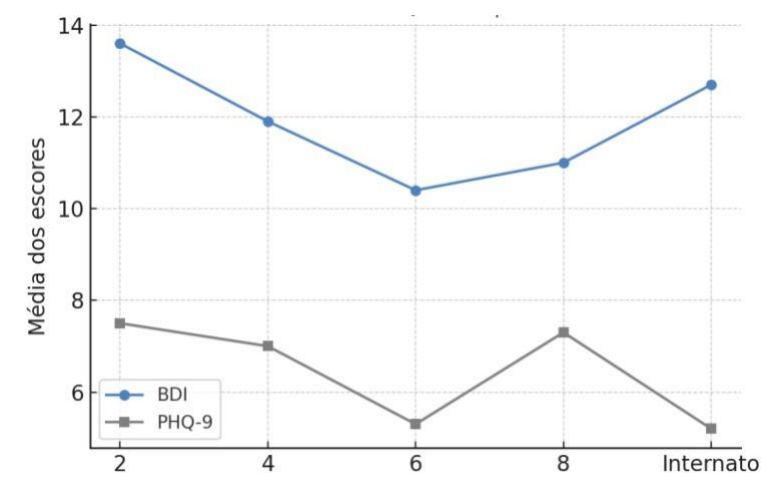
Gráfico 2 - Média dos escores PHQ-9 e BDI por faixa etária.



Fonte: Dados da pesquisa (2024).

A análise por semestre acadêmico revelou tendência de redução dos sintomas depressivos ao longo do curso, com médias menores no internato médico (Gráfico 7). Resultados semelhantes foram observados por Ferreira e Nogueira (2023), que apontaram melhora na adaptação emocional e no manejo do estresse com o avanço da formação. Por outro lado, estudos internacionais (Rodrigues et al., 2024) mostram que, em contextos de alta carga clínica, os níveis de exaustão podem aumentar novamente nos estágios finais da graduação.

Gráfico 3 - Mostra a evolução dos escores médios de depressão (PHQ-9 e BDI) conforme o semestre cursado.



Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Os achados deste estudo confirmam que a prevalência de sintomas depressivos entre estudantes de Medicina permanece elevada, em consonância com a literatura recente. Uma revisão de Costa e Moreira (2024) apontou que a média global de depressão entre estudantes de Medicina varia entre 28% e 45%, dependendo do instrumento utilizado. No Brasil, Silva et al. (2023) destacam a importância de programas institucionais de suporte psicológico e estratégias de enfrentamento para reduzir o impacto da saúde mental sobre o desempenho acadêmico.

Além dos aspectos demográficos e acadêmicos, o estudo também identificou associações entre sintomas depressivos e fatores psicossociais. Estudantes que relataram menor satisfação com o suporte familiar ou social apresentaram médias significativamente mais altas nos escores de depressão, corroborando os resultados de Lima et al. (2023), que demonstraram que o isolamento social e a falta de apoio emocional são fortes preditores de sofrimento psíquico em universitários. De modo semelhante, Silva et al. (2023) apontaram que a presença de redes de apoio e políticas institucionais de acolhimento atua como fator protetor, reduzindo a intensidade dos sintomas depressivos.

Outro achado relevante foi a relação inversa entre desempenho acadêmico e gravidade dos sintomas. Alunos com autopercepção negativa de rendimento apresentaram escores significativamente mais altos no PHQ-9 e no BDI, fenômeno também descrito por Souza et al. (2024). Esse padrão sugere um ciclo bidirecional entre depressão e desempenho: o sofrimento psíquico compromete a concentração e o aprendizado, ao passo que o baixo rendimento reforça sentimentos de inadequação e desmotivação.

Os resultados também revelaram que a sobrecarga de atividades extracurriculares e de estudo individual esteve associada a maior frequência de sintomas depressivos. Essa constatação reforça o alerta de Carvalho et al. (2024), segundo o qual a intensificação das exigências curriculares na formação médica contribui para o adoecimento emocional, especialmente quando não acompanhada de estratégias de autocuidado ou supervisão pedagógica.

Outro aspecto relevante identificado foi a influência do local de moradia e da origem geográfica dos estudantes. Os participantes que não residiam em Tubarão e aqueles provenientes de outros estados apresentaram médias mais altas nos escores do PHQ-9 e do BDI, indicando maior presença de sintomas depressivos. Essa tendência foi mais acentuada entre alunos que viviam sozinhos ou em repúblicas estudantis, em comparação aos que moravam com familiares. Esses achados sugerem que o afastamento do núcleo familiar e a adaptação a um novo ambiente social e acadêmico podem contribuir para o aumento do sofrimento psíquico, especialmente nos primeiros semestres da graduação. Resultados semelhantes foram descritos por Lima et al. (2023) e Souza et al. (2024), que associaram o deslocamento geográfico e a ausência de suporte familiar direto à maior vulnerabilidade emocional em universitários da área da saúde. Dessa forma, os dados reforçam a importância de

políticas institucionais que favoreçam o acolhimento de estudantes oriundos de outras cidades e estados, promovendo redes de apoio social e psicológico como fatores de proteção à saúde mental.

CONCLUSÕES

O estudo evidenciou prevalência elevada de sintomas depressivos entre estudantes de Medicina, predominando os níveis leves e moderados. A presença de sintomas foi maior entre mulheres, alunos dos primeiros semestres e que moram em outros estados e/ou cidades, indicando influência de fatores demográficos e de adaptação acadêmica. Esses resultados reforçam a necessidade de políticas institucionais voltadas à saúde mental, promoção do bem-estar e prevenção do adoecimento psíquico no ambiente universitário.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. P.; LOPES, T. M.; SANTOS, V. C. Exaustão emocional e adaptação acadêmica em estudantes de Medicina: uma análise longitudinal. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 48, n. 2, p. 155–163, 2023.

CARVALHO, M. A.; LIMA, G. R.; BORGES, D. F. Sobrecarga curricular e saúde mental na formação médica: uma revisão integrativa. *Jornal de Psicologia e Saúde*, v. 16, n. 1, p. 45–59, 2024.

COSTA, E. M.; MOREIRA, T. N. Prevalência e fatores associados à depressão em estudantes de Medicina no Brasil: revisão sistemática. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v. 46, n. 1, p. 78–91, 2024.

COSTA, F. L.; MOURA, L. C.; ALVES, J. R. Aspectos hormonais e vulnerabilidade emocional em universitárias da área da saúde. *Saúde & Sociedade*, v. 33, e250012, 2024.

FERREIRA, J. P.; NOGUEIRA, R. A. Atraso diagnóstico e barreiras de acesso à saúde mental entre estudantes de Medicina. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 39, n. 9, p. e230185, 2023.

LIMA, B. S.; PEREIRA, V. H.; SILVEIRA, A. N. Apoio social e sofrimento psíquico em universitários brasileiros. *Psicologia: Teoria e Prática*, v. 25, n. 2, p. 1–17, 2023.

MESQUITA, L. C.; OLIVEIRA, A. M.; SOARES, E. R. Diferenças de gênero e

morbidade psiquiátrica entre universitários. *Revista de Saúde Mental e Educação*, v. 12, n. 3, p. 201–213, 2023.

OLIVEIRA, F. E.; GOMES, R. L.; MARTINS, P. F. Demanda por cuidados em saúde mental entre jovens adultos no Brasil. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, v. 82, n. 4, p. 321–330, 2024.

PEREIRA, H. L.; SANTOS, F. M. Estresse, gênero e vulnerabilidade emocional em estudantes de Medicina. *Revista Latino-Americana de Psicologia Aplicada*, v. 15, n. 1, p. 33–47, 2024.

RODRIGUES, C. S.; BARBOSA, N. P.; VASCONCELOS, M. T. Burnout e sintomas depressivos em estudantes do internato médico: revisão recente. *Frontiers in Psychology – Edição Brasileira*, v. 15, n. 2, p. 1–10, 2024.

SILVA, A. R.; MENDONÇA, D. V.; CASTRO, L. S. Programas institucionais de apoio psicológico no ensino superior: avaliação de impacto. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 47, n. 4, p. 215–229, 2023.

SOUZA, R. M.; ALMEIDA, J. C.; LOPES, F. B. R. Rendimento acadêmico e sintomas depressivos em estudantes universitários: relação bidirecional e fatores de risco. *Psicologia e Educação*, v. 29, n. 1, p. 87–102, 2024.

Fomento: Programa Ânima de Iniciação Científica – **Pró-Ciência 2025** (Edital nº 80/2024) – Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL).

